

5. *Os Lusíadas* de Camões

➔ Manual · p. 258



“Luís Represas e o livro da sua vida”

Ler +, Ler Melhor, RTP2



03 min 56 s

No programa *Ler +, Ler Melhor* continuamos a descobrir os livros de uma vida. O encontro de hoje é com Luís Represas, que elege a maior obra épica portuguesa, *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.

“Há um livro que, por estranho que pareça a muita gente, que eu diria que é um livro, não diria que é o livro da minha vida, mas foi um livro que teve enorme importância na minha vida, que é, justamente, *Os Lusíadas*. Este livro, esta obra, que é a obra de terror de quem naquela altura no nosso 5.º ano do liceu, agora no 8.º, dada de outra forma, mas naquela altura, estamos a falar há quarenta anos atrás, quando se aproximava o 5.º ano do liceu: “Vem aí *Os Lusíadas*”. Éramos avisados pelos nossos pais. “Atenção, que este ano é que é o ano em que vão levar com *Os Lusíadas*.” Porque eles também tinham sofrido esse pavor da forma que tínhamos que engolir e digerir, mal ou bem, não importa, aquele calhamaço, não é? Era aquela história “Lá vem o zabolho atormentar-nos a vida e os sonhos.” Bom. Tive a sorte de ter uma grande professora, professora, grande em professora, não em tamanho, porque era de facto uma senhora baixinha, mas com uma enorme energia, que se chamava Judite da Piedade Redinha, isto no liceu Pedro Nunes, que... que nos ensinou a olhar para *Os Lusíadas* não com aquela... com aquele temor reverencial, não como um instrumento de tortura, mas como, para já, como um livro de aventuras. “Preparem-se que vocês vão viver uma aventura magnífica!” E nós ficámos a olhar para ela e disse assim: “Como é que é possível? Porque é que ainda ninguém nos tinha dito isto, não é? Mas como é que nós vamos viver uma aventura se isto é complicadíssimo de se ler?” “Aha! Pois aqui está a grande questão. É como é que nós vamos decifrar o código, este código de Camões,” que, como ela dizia, “este código para podermos conseguir ler isto sem que vocês agora leem isto e ficam todos atrapalhados pois não percebem nada do que leram. Agora, se esse código for desvendado, vocês vão ver que, de repente, isto começa a aparecer e vocês vão ler isto como se estivessem a ler, de facto, um romance de uma grande aventura.” Este propósito dela foi fantástico, confesso que demorou imenso tempo a resultar, porque, porque demorou, porque não é fácil, e cabeças de 15 anos, 14, 15 anos, também não estão preparadas provavelmente para estudar aquela obra daquela forma, mas ela conseguiu torneir isto de tal maneira que, quando acabei o ano, todos nós quisemos pôr *Os Lusíadas* de parte. Dizer assim “Não te quero ver mais!” Mas ficou qualquer coisa aqui dentro a bater. Passados cinco anos, seis anos, mais ou menos, quando tinha 20, 21 anos, passei pel’ *Os Lusíadas* e olhei para eles e agarrei neles e disse: “Deixa cá ver se resultou.” E é engraçado que, quando comecei a ler, comecei a ler, não direi de fio a pavo, de um fôlego, mas comecei a ler, de facto, com a atitude de quem estava a ler um belíssimo romance de aventuras. E acho que é disso mesmo de que se trata. É..., porque o português, aprender português é isso mesmo, é aprender a desvendar os códigos da nossa língua e a podermos brincar com a nossa língua, divertindo-nos com a nossa língua, criando com a nossa língua. É disso que se trata. E por isso *Os Lusíadas* tiveram esta enorme importância no meu... na minha paixão pela minha língua.”

